

**APAZIGUAR OS ESPÍRITOS, ILUMINAR VISÕES E AUTODEFESA:
GRAMÁTICAS SOCIAIS DAS CAPULANAS DOS TINYANGA NA CIDADE DE
MAPUTO**

**APPEASING THE SPIRITS, ILLUMINATING VISIONS, AND SELF-DEFENSE:
SOCIAL GRAMMARS OF THE CAPULANAS OF THE TINYANGA IN THE CITY OF
MAPUTO**

Maria Henrique Fernando¹
Aurélio Miambo²

Resumo: O objecto deste artigo são as gramáticas sociais ligadas as capulanas dos tinyanga. A abordagem apoia-se em dados resultantes de um inquérito de terreno, realizado na cidade de Maputo e, em algumas, análises académicas desenvolvidas por outros pesquisadores. O argumento central mostra que as capulanas estão presentes, de forma marcante, no quotidiano dos tinyanga como indumentária e como instrumento de trabalho. No primeiro caso elas são usadas em diferentes contextos e situações sociais de forma livre e fora dum quadro normativo. Enquanto instrumento de trabalho, representam um conjunto de códigos comunicacionais que servem para apaziguar espíritos, iluminar visões e autodefesa.

Palavras-Chave: Capulana, Espírito, Tinyanga.

Abstract: The objective of this article is to explore the social grammar associated with the capulanas of the tinyanga. The study is based on data collected through field research conducted in the city of Maputo, complemented by academic analyses from other researchers. The central argument highlights the significant presence of capulanas in the daily lives of the tinyanga, both as attire and as a tool of their practice. In the former case, capulanas are worn freely in various social contexts and situations, outside any formal normative framework. As a working tool, they embody a set of communicative codes used to appease spirits, enhance visions, and serve as a means of self-protection.

Keywords: Capulana, Spirit, Tinyanga.

¹ Licenciada em Antropologia pela Universidade Pedagógica de Maputo.

² Professor de Antropologia e Sociologia e investigador na Universidade Pedagógica de Maputo. Doutor em Antropologia e Sociologia pela Université Paris Diderot-Sorbonne Paris Cité. E-mail: amiambu@gmail.com.

Introdução

Maria Assunção, em 2018, concluiu uma dissertação, em Antropologia Social, intitulada “*Falar e guardar segredos: as capulanas de Nampula (Moçambique)*”. Nesse trabalho, a autora defende que as capulanas fazem-fazer muitas coisas, nomeadamente, fazem-falar, fazem evitar-falar e guardam muito segredo. Tomando de empréstimo a expressão daquela pesquisadora, neste artigo³, busca-se compreender as coisas que as capulanas dos tinyanga⁴ permitem-fazer.

No cômputo geral e, em Nampula, em particular, de acordo com Assunção (2018) a capulana destaca-se pelas múltiplas formas como é utilizada, por isso a volta dela emergem três dimensões fundamentais (I) fazer-falar, sobre eventos e acontecimentos, histórias e memórias locais e pessoais; (II) sinalização da possibilidade de interação entre os espíritos e antepassados, especificamente, no que concerne as chamadas “capulanas espirituais” e, finalmente, (III) a forma de amarrar a capulana informa e comunica sobre assuntos sensíveis e segredos.

Este enquadramento permite compreender, por um lado, que existe uma diversidade assinalável de capulanas e, por outro, as capulanas espirituais, entre os tinyanga, têm múltiplos usos, valores e significados. É em volta dos elementos de análise que permitam visualizar essa realidade que se debruça o texto.

A pesquisa baseou-se num inquérito etnográfico, realizado na Associação dos Médicos Tradicionais de Moçambique - AMETRAMO, nos mercados de Xiquelene, Xipamanine e no bairro de Hulene na cidade de Maputo, onde fizeram-se observações sistemáticas e entrevistas em profundidade com praticantes da medicina tradicional bem como vendedores de capulanas naqueles dois mercados. A discussão desenvolvida gira em torno de quatro aspectos fundamentais (I) identificação das gramáticas sociais das capulanas, (II) nomenclatura das capulanas espirituais usadas pelos tinyanga, (III) permissões e restrições no uso das capulanas espirituais pelos tinyanga, (IV) valores e significados atribuídos as capulanas espirituais.

Capulanas e suas gramáticas sociais

Diversa literatura permite compreender que “a capulana é um objecto que acompanha toda a vida de uma pessoa (...) no momento do nascimento, o bebê é enrolado em várias capulanas, depois, durante a primeira infância é amarrado às costas da mãe com uma capulana, que também é usada para brincar; ela também acompanha as atividades cotidianas, servindo de toalha ou cobertor. A capulana será

³ Este artigo resulta da transformação do trabalho de culminação de estudos para a obtenção do grau de licenciatura em Antropologia apresentado publicamente na UP Maputo pela Maria Fernando sob orientação de Aurélio Miambo. Deste modo muitos aspectos foram preteridos e o texto aqui apresentado representa uma indicação de alguns elementos de análise da pesquisa desenvolvida.

⁴ Tinyanga (plural), Nyanga (singular) “são porta-vozes dos espíritos, traduzindo e decodificando o discurso espiritual para os vivos (Honwana, 2002, p. 15).

novamente importante nos ritos de iniciação, femininos ou masculinos e, durante toda a vida adulta, como vestimenta para as mulheres e como presentes que os homens devem oferecer a elas. Finalmente, quando morrem, os corpos são novamente enrolados nas capulanas antes de serem enterrados nos ritos funerários muçulmanos (Assunção, 2018, p.67).

No contexto da medicina tradicional, as capulanas acompanham o percurso de vida e a actividade dos praticantes. A este respeito, Polanah (1987) defende que por se tratar de objectos que carregam diversas simbologias e usos, sobretudo na medicina tradicional, as capulanas são usadas como instrumentos que alimentam e adornam os espíritos e

“(…) desta forma os curandeiros devem usar uma roupa específica de modo a satisfazê-los e a desempenhar melhor o seu papel de curandeiro (a), no momento da cura e contacto com os pacientes que procuram pela sua ajuda” (Macuácuá, 2017, p.37).

Dois outros pesquisadores que, igualmente, discutem a questão das capulanas, entre os tinyanga, são Angelo (2020) e Granjo (2011). Enquanto o primeiro autor fala das capulanas como uma representação das classes sociais com Granjo (2011), as capulanas emergem com uma dupla significação quer como um instrumento de trabalho, quer como indumentária durante o processo terapêutico. Assim, Granjo refere que quando um paciente procura pela ajuda de um nyanga, num primeiro momento, é submetido à um diagnóstico que vai permitir a descoberta da real situação e perigos que o ameaçam. Depois deste acto, o processo de cura com base na adivinhação, usando um conjunto de ossos, búzios, carapaças de tartaruga, pedras, moedas e invólucros de sementes chamados tinhlolo.

Granjo (2011) acrescenta que neste processo de adorno aos espíritos, as capulanas não são apenas usadas pelo nyanga para continuar com o processo da cura ou em contacto com os espíritos, mas também são usadas pelo paciente durante o seu tratamento.

Como se pode depreender, é a partir do exorcismo que Granjo fala do uso das capulanas pelos tinyanga, onde no processo de kufemba⁵, o paciente é coberto com capulanas e sentado junto de um pedaço de incenso ardente, onde vai ficar até que ele se consuma. Nesse momento, tal como refere Granjo, o nyanga enverga a capulana que tem um desenho que retracta o espírito que com ele efectuará o kufemba, de seguida, empunha o seu tchova (uma cauda de *gnu* que tem dentro da pega alguns pelos de cauda de hiena o xizingo) e passa-o sobre o paciente, ao mesmo tempo que o cheira. Ao encontrar o espírito ou male que aflige o paciente, toma a decisão final sobre se basta expulsá-lo, do seu corpo, ou se é necessário deixá-lo falar.

⁵ Ritual medianímico de exorcismo (Sitoe, 2011).

Relativamente a esta dimensão comunicacional, De Rezende (2017), sublinha que nas capulanas, está presente um complexo de sistemas de representações iconográficas, contendo sentidos escondidos por parte de quem não está envolvido no uso delas, contém também mensagens silenciosas sobre as identidades, as crenças e os valores da sociedade, dependendo da forma como cada um faz o seu uso e atribui o seu valor e significado.

Assim, de acordo com Torcato, (2011) *apud* Macuácuá (2017), uma pessoa comum não se atreve a usar as capulanas consideradas específicas para os tinyanga, pois seria considerado uma falta de respeito, uma atitude impensável. Nos casos em tal uso ocorre o indivíduo, em questão, é apontado como sendo uma pessoa que possui espíritos de chamamento, em geral, atribuídos a um indivíduo que foi escolhido pelos seus antepassados, (Macuácuá, 2017), para a prestação de cuidados de saúde e para a resolução de problemas sociais das pessoas (Honwana, 2002).

O quadro anteriormente apresentado, é um alerta para olharmos “as capulanas como actantes e não somente objetos manipulados por pessoas” (Assunção, 2018, p.73). Ao fazer este enquadramento, pretende-se tornar compreensível a nomenclatura das capulanas usadas pelos tinyanga bem como construção e reprodução dos usos a elas associados.

Nomenclatura das capulanas espirituais usadas pelos tinyanga

Existe um extenso grupo e variedade de capulanas que se associam segundo Polanah (1987) *apud* Macuácuá (2017) a categorias e subgrupos de curandeiros, entre eles os Va-Nguni e os Va-Ndau, que pretendem não ser confundidos na forma como apresentam as suas manifestações físicas, adornos ou vestimentas. Decorre daqui que existem “(...) capulanas com diversos nomes para distinguir grupo de médicos tradicionais” (Macuácuá, 2017, p.39).

O material etnográfico, abaixo reproduzido, foi produzido combinando dois procedimentos metodológicos, de um lado, as observações e, de outro lado, as entrevistas. A experiência de pesquisa etnográfica foi marcada por encontros e conversas informais com várias pessoas que lidam com as capulanas.

As observações permitiram captar imagens que ilustram os diferentes tipos de capulanas e as entrevistas permitiram identificar o nome, a função e a utilidade específica de cada uma dessas capulanas. Este processo permitiu, no total, identificar um número considerável de capulanas espirituais designadamente: branca, preta, azul, amarela, verde, vermelha, palu, chissambe, djeti, xitlhango, chimanguelane, dambo e nhoca. Embora algumas capulanas possam ser agrupadas, neste artigo, privilegia-se uma descrição individualizada de cada capulana de modo a responder ao que se conseguiu notar durante o trabalho de campo.

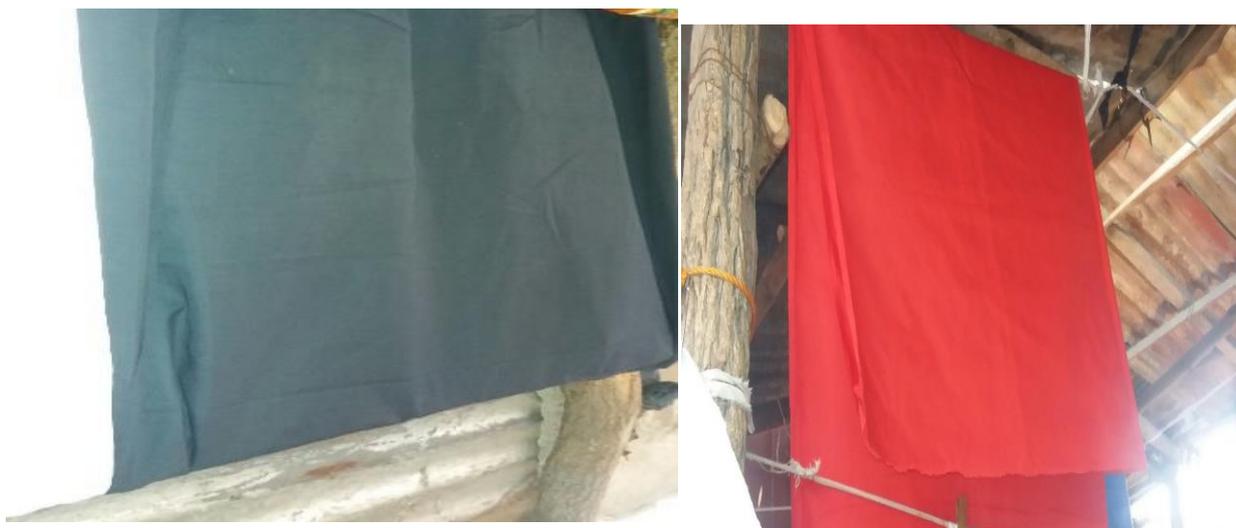
Figura 1: Capulana branca



Fonte: Arquivo pessoal do trabalho de campo

A capulana branca serve para apaziguar os defuntos da pessoa ou os espíritos que estão para encarnar na pessoa. Esta interpretação se aproxima daquela que se pode encontrar no trabalho de Macuácu (2017) onde a pesquisadora mostra a capulana de cor branca, simboliza a paz, para quando alguém lançar alguma maldição contra a outra pessoa não o possa atingir. Pode ser usada em vários momentos, dependendo do objectivo que a pessoa pretende atingir, sempre no sentido de alcançar o bem-estar e criar harmonia entre familiares em conflitos de brigas, traições conjugais e doenças espirituais.

Figura 2: Capulana preta e vermelha



Fonte: Arquivo pessoal do trabalho de campo

As capulanas vermelhas e pretas são as mais comuns e as mais usadas pelos tinyangas, principalmente, pelos formandos. Macuácu (2017) considera que a

capulana vermelha emerge como um material usado pelos médicos tradicionais, assim como por uma pessoa que não exerce a função do curandeirismo, como forma de se proteger do ódio e inveja de terceiros. “A capulana preta é usada por médicos tradicionais com espírito forte e com experiência profissional na área da medicina tradicional (...) e a capulana verde é esperança para que haja harmonia no seio familiar” (Macuácuá, 2017, p.41).

A capulana preta é a primeira que a pessoa deve ter para começar o processo de iniciação para ser nhamussoro⁶. A significação destas capulanas é descrita por um especialista nos seguintes termos:

“as capulanas de cor vermelha representam o sangue derramado no decorrer da guerra entre a Renamo e a Frelimo onde morreram indivíduos do povo nguni e ndau que representam os espíritos com os mesmos nomes. As pretas simbolizam o luto, neste caso, reconhecimento por todos aqueles que morreram durante o conflito armado, como também aos antepassados do próprio nyanga que os vê a se manifestarem em forma de espíritos nas suas vidas.”⁷

Como se pode notar, existem diferentes interpretações das gramáticas sociais de algumas destas “capulanas espirituais” Assunção (2018) ou “capulanas das cerimónias mágicas” Macuácuá (2017).

De forma particular, em Nampula,

as “(...) capulanas pretas, vermelhas e brancas, trata-se especificamente de tecidos sem estampas, apenas com fios tingidos nestas cores (...) elas são utilizadas para identificar os praticantes da medicina tradicional, seja quando utilizadas no corpo (sobretudo na cabeça, como lenço), seja nas próprias casas. Nesse sentido, são parte de um “uniforme” de trabalho, análogo àqueles dos profissionais do sistema público e privado de saúde “convencional” (Assunção, 2018, p.89-90).

Em outros contextos, tal como assinala Macuácuá (2017), estas capulanas se enquadram no conjunto daquilo que se considera ser capulanas das cerimónias mágicas e têm apenas três cores, onde branco, vermelho e preto é padrão característico. Por seu turno Santana (2014) apregoa que os tinyanga usam esta tipologia de capulanas para distinguirem a variedade de espíritos que habitam neles, deste modo, as de cor preta e vermelha são associadas aos espíritos Vanguni, as de

⁶ Praticante de medicina tradicional, “Tem como função a adivinhação através do transe e dos ossículos de adivinhação, o exorcismo (kufemba) e a cura de várias doenças, através do uso de plantas medicinais” (Honwana, 2002, p. 59).

⁷ Entrevista com Magaia, Outubro de 2021.

cor branca com desenho de sol ou com motivo floral são associadas aos espíritos Vandau.

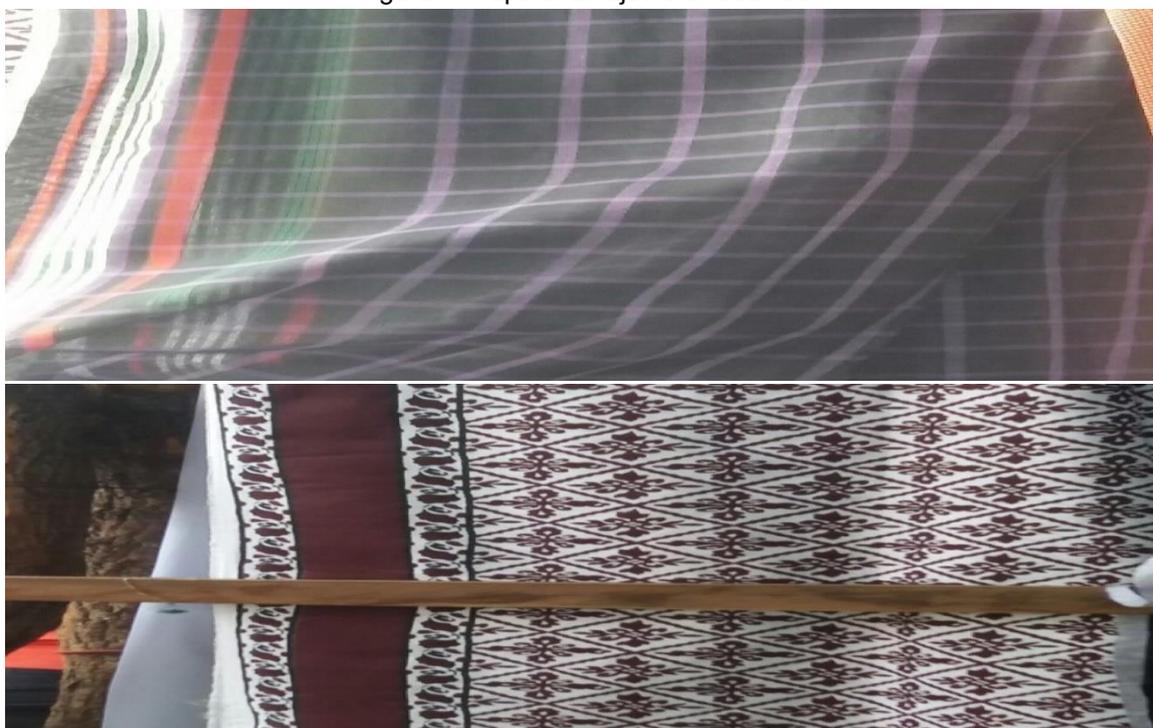
Figura 3: Capulana amarela



Fonte: Arquivo pessoal do trabalho de campo

A capulana amarela é agrupada com as capulanas azuis e verdes e são usadas para acalmar os espíritos da pessoa (nyanga). Esta simbologia se assemelha a descrição que se pode encontrar em outros trabalhos, onde se salienta que “capulana amarela é para os defuntos (mortos) para eles se defenderem e que possam trazer sorte em todas as áreas da sua vida, falta de trabalho, amor etc.” (Macuácuá, 2017, p.39).

Figura 4: Capulanas djeti e chissambe



Fonte: Arquivo pessoal do trabalho de campo

Estas capulanas são as mais usadas pelos tinyanga que já passaram do *kutwassa*⁸ e permitem a distinção dos espíritos se são do lado materno ou paterno.

Figura 5: Capulana Xitlango



Fonte: Arquivo pessoal do trabalho de campo

Com esta capulana acredita-se que seja a marca de guerra dos defuntos do nyanga. Ela é caracterizada por algumas imagens com o mesmo nome xitlango, “representam instrumentos de defesa usados pelos guerreiros e são usados pelos tinyanga através das suas forças espirituais com base no retracto das capulanas para os defenderem das suas vítimas, e por aí em diante.”⁹

Figura 6: Capulana Ximaguelane



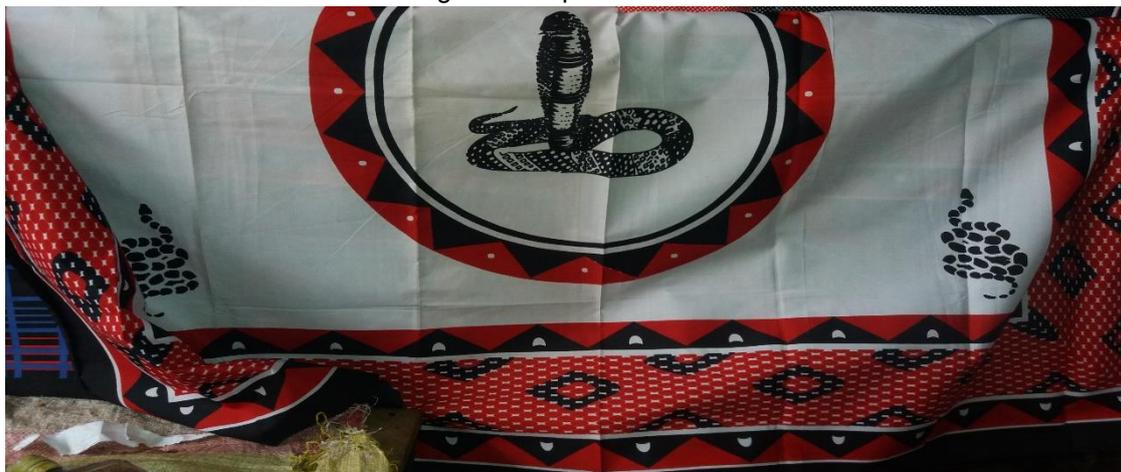
Fonte: Arquivo pessoal do trabalho de campo

Esta capulana serve para colher tudo aquilo que há de bom nos espíritos da pessoa de modo que possa se integrar no âmbito social.

⁸ “(...) é uma expressão zulu que se refere a iniciação” (Honwana, 2002, p. 81).

⁹ Entrevista com Magaia, Outubro de 2021

Figura 7: Capulana nhoca



Fonte: Arquivo pessoal do trabalho de campo

Esta capulana é usada para a autodefesa dos próprios tinyanga. Ela enquadra-se na categoria que Macuácuca (2017) designa de capulanas com desenhos (leão, cobra) que são usadas frequentemente na fase inicial do ritual, quando a pessoa está no processo de formação para exercer a função da medicina tradicional e quando ascende a fase mais alta com experiência profissional.

Por sua vez Santana (2014) faz notar que a tipologia de capulanas acima mencionadas, remetem para uma outra dimensão através da qual a figura de leão ou retracto com base em animais (galinha do mato, cobras, crocodilos etc.) são associadas à religiosidade, sobretudo, dos povos habitantes da região de Manica. Deste modo, torna-se relevante notar que a dimensão simbólica destas capulanas tem uma centralidade assinalável no exercício das actividades do nyanga.

Figura 8: Capulana Ndambo



Fonte: Arquivo pessoal do trabalho de campo

A capulana ndambo é usada para iluminar os sonhos ou visões que a pessoa tem durante a sua formação.

A par das capulanas anteriormente descritas existe, igualmente, a capulana Palu. Segundo Macuácu (2017) A capulana Palú (xadrez) usa-se na manifestação dos espíritos durante o ritual, para acalmar espíritos dos pacientes, que pretendem exercer a função do curandeirismo.

Dados das entrevistas, durante o trabalho de campo, permitem constatar que esta capulana, é usada para garantir que a pessoa esteja firme naquilo que diz respeito a sua iniciação como nyanga. Esta iniciação tal como refere Honwana (2002) é indissociável dos espíritos nguni ou ndau e o uso da capulana como forma de adornar os mesmos, é feito tendo em conta a especificidade dos espíritos em questão.

No diz respeito a proveniência das capulanas, os dados das entrevistas convergem para a mesma direcção e, ajudam a compreender que.

“a maior parte das capulanas aqui mencionadas são de origem asiática e a aquisição é feita na vizinha África do Sul, mas também podem ser encontradas em algumas lojas da cidade de Maputo. E ainda acrescentaram que, é crucial ter experiência ou alguma instrução para comercializar as capulanas e qualquer outro artigo relacionado aos tinyanga. Ou seja, deve haver alguma relação entre o indivíduo com os espíritos.”¹⁰

Esta situação pode ser lida no contexto de que as pessoas que vendem estas capulanas, sobretudo, nos mercados não são indivíduos quaisquer. No diz respeito as modalidades para a identificação, nos mercados, os dados do inquérito etnográfico, permitem compreender duas situações distintas, a primeira onde o potencial comprador já tem imagem do artigo que procura e uma segunda situação na qual algumas pessoas, por forças espirituais, são impelidas a comprar as capulanas. A este propósito o depoimento que se segue visualiza o seguinte:

“para identificar a capulana de acordo com as necessidades do cliente algumas vezes os clientes vêm enquanto já sabem que tipo de capulanas eles precisam, algumas pessoas são aquelas que se fazem ao local não com o objectivo de adquirir estes tecidos, mas que acabam por manifestar e os seus espíritos auxiliam na escolha dos tecidos.”¹¹

Os sinais de uma possível relação que inicia com os espíritos são perceptíveis ao nível do contexto familiar de onde resulta que os espíritos podem ser do lado materno, do lado paterno ou bilaterais porque o indivíduo herdou dos dois lados.

“Quando numa família alguém manifesta espíritos e segue com a consulta em um nyanga a primeira coisa que se faz durante o diagnóstico é perguntar ao

¹⁰ Entrevista com Dallas, Novembro de 2021.

¹¹ Entrevista com José Langa, Janeiro de 2022.

paciente e aos acompanhantes se na família teve ou tem alguém que é terapeuta tradicional.”¹²

Resulta deste cenário que a possessão pelos espíritos, tal como refere Honwana (2002) torna-se uma recusa impossível visto que,

“a possessão pelos espíritos é um processo violento, que implica o deslocamento temporário da alma (ou essência) do indivíduo possuído e conseqüentemente substituição da alma outrem e uma vez escolhido pelos espíritos dos antepassados, o indivíduo tem que abandonar tudo e seguir o chamamento, doutro modo ficará doente o resto da vida (Honwana, 2002, p.88).

Assim, para se assegurar que a pessoa adquira a capulana correcta e está em sintonia com os espíritos os detentores desse saber tem a missão de aconselhar ou indicar a capulana que se enquadra dentro das exigências dos espíritos tendo em consideração as permissões e as restrições associadas a cada tipologia de capulanas.

Entre a pureza e o perigo: permissões e restrições no uso da capulana pelos tinyanga

Ao longo do trabalho tem-se defendido uma posição segundo a qual o uso das capulanas dos tinyanga carregam consigo uma certa exclusividade o que demonstra o carácter restritivo destas capulanas mesmo entre os tinyanga tendo como princípio básico o respeito e consolidação dos valores culturais e espirituais a elas associadas.

O uso dessas capulanas não é objecto de livre arbítrio. Um dos entrevistados, fez notar que:

“Para saber se uma pessoa vai ser nyanga e que precisa de começar a usar as capulanas, alguns passam por uma manifestação, adoecimento e outros são aqueles que os seus espíritos lhes indicam a casa de um nyanga profissional para seguir com o procedimento de cada fase onde vão instruir-se sobre as diferentes práticas e formas de tratamento.”¹³

A realidade acima referida, mostra que as capulanas são objectos que representam a sacralidade, são uma forma de criar reconhecimento entre os terapeutas tradicionais e na sociedade, porque através das imagens, cores

¹² Entrevista com Delfa Joaquim, Fevereiro de 2022.

¹³ Entrevista com Rosa Abrão, Novembro de 2021.

codificadas nelas é possível decifrar as mensagens que pretendem transmitir, simbolizam responsabilidade durante a prática de rituais entre os tinyanga.

A capulana, portanto, é um elemento material importante para o trabalho dos médicos tradicionais, não somente porque é utilizada na “comunicação” com os espíritos, no sentido desta sinalização. Trata-se também de um princípio material e estético no sentido do que é dado a ver (ou tocar) - que torna possível o engajamento dos médicos tradicionais, de seus pacientes, dos espíritos e das plantas em uma relação que terá consequências, podendo transformar, curar ou até matar aqueles que se envolveram nela (Assunção, 2018, p.97).

O excerto que abaixo é reproduzido, ajuda a descrever parte da realidade vivida pelos tinyanga,

“as capulanas entre os tinyanga servem de objectos identitários, através das capacidades e potencialidades que cada um possui como profissional da medicina tradicional. Garante o reconhecimento do quão significativo é este tecido através das suas funções que desempenham na medicina tradicional consoante as fases e momentos do uso.”¹⁴

O trabalho etnográfico desenvolvido permite ainda compreender que o uso destes artigos obedece a algumas regras. A título de exemplo, em seguida destaca-se:

“(…) não se pode vestir estas peças para ir a um encontro para se relacionar, mesmo para os que vivem maritalmente quando mantém relações sexuais devem de seguida fazer um pequeno ritual que vai ajudar no seu livramento ou para não entrar em atritos com os seus espíritos.”¹⁵

Uma outra percepção que emerge dos dados obtidos no terreno permite compreender que:

“o uso destas capulanas que se verifica nos espaços públicos e em algumas vezes no dia-a-dia dos tinyanga deve-se ao facto de serem pessoas que ainda estão na formação ou que foram convidados para participarem de alguma cerimónia ou ritual ligada aos tinyanga e estarem vestidos destas peças seria uma forma de criar um reconhecimento no espaço onde estarão integrados e que devem estar preparados para qualquer eventualidade que lhes possa acontecer.”¹⁶

¹⁴ Entrevista com Saquina, Dezembro de 2021.

¹⁵ Entrevista com Gisela, Novembro de 2021.

¹⁶ Entrevista com Delfa Joaquim, Outubro de 2021.

Para os tinyanga o uso das capulanas é acompanhado por permissões e restrições. Por parte de algumas pessoas, no geral que não são tinyanga ou que não percebem a essência do traje das mesmas no espaço público, são notórios sentimentos tais como medo, receio e olhar desconfiado da pessoa que se apresenta com aquele tipo de capulana. O exemplo a seguir apresentado é disso um testemunho evidente. Numa conversa com um dos entrevistados deixou ficar um episódio que decorreu num transporte semicolectivo.

“onde o chapa estava a carregar e lá entrou um nyanga, o que se verificou é que dos que foram chegando para apanhar o transporte ninguém queria sentar ao lado dele, e o jovem ao se aperceber da situação teve que sair do lugar onde estava e foi ocupar um lugar que muitos temiam, e frisou que se nyanga não estivesse vestido das capulanas não despertaria a atenção dos outros passageiros que pretendiam seguir a viagem no mesmo autocarro.”¹⁷

A experiência etnográfica possibilitou ainda compreender que as permissões e restrições, relativas ao uso de capulanas, não são influenciadas pelo sexo e nem pela idade. Assim, homens, mulheres, os jovens e os tinyanga mais crescidos usam o mesmo tipo de capulanas. A este respeito depoimentos, de um dos entrevistados, ilustra que.

“(…) homens e mulheres põem as mesmas capulanas com o objectivo de alcançar os mesmos propósitos e o que os tornará diferentes é a fase em que cada um se encontra.”¹⁸

Ainda no que diz respeito ao uso de capulanas, no espaço público, quando o nyanga em questão for de sexo masculino, o que se constata é que cobrem a parte da cintura para baixo e algumas partes do peito. O uso da capulana nestes moldes, mereceu destaque de um dos nossos informantes que classifica a referida prática nos seguintes termos:

“muitas vezes trata-se de homens dotados de espíritos femininos em que são cobrados uma forma de vestir diferente do habitual, e um pouco semelhante ao das mulheres.”¹⁹

Este hábito, ligado a forma de vestir de alguns homens tinyanga, faz perceber que para além da existência de espíritos femininos, existem também espíritos masculinos, que quando encarnam nas mulheres tendem a ter um status masculino

¹⁷ Entrevista com Dallas, Novembro de 2021.

¹⁸ Entrevista com Abílio Macamo, Janeiro de 2022.

¹⁹ Entrevista com José Langa, Janeiro 2022.

e, por via disso, são levadas a vestir-se de uma maneira masculina preferindo calças, camisetas e, em alguns casos, até o tom de voz tende a mudar.

No meio destas permissões e restrições existe, também, uma certa obrigatoriedade para o uso de capulanas. O momento em alusão é aquele em que o nyanga está no exercício da sua actividade. Durante a passagem pela AMETRAMO, presenciou-se um caso no qual a nyanga com quem se conversava recebe visita de uma paciente. Na altura, a nyanga estava trajada de uma capulana comum e uma túnica feita com uma das capulanas dos tinyanga. A chegada da paciente e da sua acompanhante obrigou a interrupção da entrevista, para puder atender a paciente. A pedido da nyanga, as três pessoas dirigiram-se ao interior de uma palhota existente naquele local.

Para iniciar o processo terapêutico, a nyanga teve que primeiro despir-se da capulana “comum” que trazia para vestir a capulana dos tinyanga. Quando indagada sobre as razões da troca do traje, a nyanga respondeu nos seguintes termos:

“o que acontece é que as roupas que trazia antes da chegada das minhas pacientes não são adequadas para a realização do kufemba, principalmente a capulana porque não é adequada muito menos recomendada para exercer a evocação de espíritos ou para a realização de qualquer tipo de rito ligado aos tinyanga. Então não fazia sentindo manter-me com elas naquele momento, ou eu entraria em atritos com os meus espíritos ou estaria a enganar as minhas clientes, o que não é bom.”²⁰

Este caso mostra claramente que estes praticantes da medicina tradicional tem uma espécie de código de indumentária adequada para o exercício da actividade. Neste sentido, a prática de usar capulanas pelos tinyanga, pode ser designada como conduta tradicional e identitária e ao mesmo tempo simbólica.

É por estas razões que um nyanga (ancião) considera que

“(…) devemos olhar para as capulanas na mesma proporção que vimos uma bandeira nacional e atribuímos o seu valor simbólico dado que, através das suas cores e desenhos conseguimos dar significados, e temos que perceber que sem estes tecidos não podemos realizar nada que esteja ligada a espiritualidade.”²¹

Apesar da centralidade da capulana associada aos espíritos na actividade dos tinyanga, existem outros artefactos que, igualmente, representam os espíritos que são fundamentais entre os sujeitos sociais em destaque nesta pesquisa. Trata-se de pulseiras cuja importância entre os tinyanga é descrita por um dos nossos

²⁰ Entrevista com Saquina, Novembro de 2021.

²¹ Entrevista com Ruben, Novembro de 2021.

entrevistados como atesta o depoimento que se segue do Sr. Ruben de 80 anos de idade:

“Não são apenas as capulanas que representam os espíritos num nyanga, existem outros instrumentos que podem desempenhar as mesmas funções em substituição dos tecidos o exemplo de pulseiras, principalmente quando se trata de usar como indumentária.”²²

A substituição das capulanas pelas pulseiras mostra que existe uma complementaridade entre os dois objectos, pois, sem um pode se fazer o uso do outro, mas apenas quando se trata de usar como indumentária, e quando é para realizar o kufemba o nyanga pode apropriar-se dos dois em simultâneo desde que representem o mesmo espírito.

Apaziguar os espíritos, iluminar visões e autodefesa: relação de interdependência através do uso das capulanas entre o indivíduo e os espíritos

Na secção anterior procurou-se apresentar alguns fundamentos que estruturam as permissões e as restrições no uso das capulanas espirituais pelos tinyanga. O trabalho realizado permite constatar tal como Macuácuá (2017) que as capulanas tradicionais têm cada uma a sua função e cada capulana ou padrão tem algum significado que pode ser resumida na tríade apaziguar espíritos, iluminar visões e autodefesa.

A questão do apaziguamento dos espíritos tem alimentado vários debates teóricos que atravessam diferentes esferas da vida social. A título ilustrativo, Granjo (2005, 2011) mostra que esta exigência se coloca de forma notável. A este respeito, aquele pesquisador considera que nas questões matrimónias, por exemplo, o apaziguamento dos espíritos é relevante pois eles são os sancionadores, guardiões da união cabendo-lhes proteger os noivos e os seus descendentes. No mesmo diapasão, Bagnol (2008) considera que o apaziguamento dos espíritos é crucial pois a eles se atribui a capacidade para providenciarem saúde e felicidade. Fernandes (2020) retoma este assunto e defende ser imprescindível o equilíbrio necessário com a espiritualidade através do sincretismo religioso, da integração do mundo dos vivos e o mundo dos mortos, como sinal de interdependência entre estes dois mundos.

Por sua vez Jonas Mahumane (2015) no seu trabalho, “Marido Espiritual” - Possessão e Violência Simbólica no Sul de Moçambique, defende que aquela figura espiritual é objecto de rituais visando a sua domesticação, um processo normalmente realizado por um especialista em medicina tradicional (Nyanga), numa igreja zionista ou mesmo pelos pastores da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

²² Entrevista com Ruben, Novembro de 2021.

No contexto da medicina tradicional, o apaziguamento dos espíritos é, igualmente, percebido como sendo uma “limpeza ritual” (Granjo, 2011). Vários estudos, a título ilustrativo Honwana (2002), Santana (2014), Mahumane (2015) e os dados das nossas entrevistas mostram que existem dois principais grupos de espíritos: os espíritos nguni e os espíritos ndau. A relação com estes espíritos se estabelece de diferentes formas. Uma delas é através do uso das capulanas onde os tinyanga se apropriam dos diferentes significados e valores associados a essas capulanas que se resumem na tríade apaziguar espíritos, iluminar visões e autodefesa, como temos estado a fazer referência.

O primeiro valor remete a uma situação mitológica, tradições e crenças inerentes ao exercício da prática médico-tradicional indissociável dos espíritos como os principais responsáveis pelo bom desempenho da actividade. Assim, é importante evitar enfurecê-los pautando pelo uso correcto e recomendado das capulanas nos momentos apropriados, simbolicamente, considerados de pureza. Tal pureza só pode ser alcançada quando o nyanga se afasta, se distancia do ultraje, o uso dessas capulanas em contextos que, simbolicamente, representam o perigo.

O segundo valor mostra respeito e reconhecimento das limitações que a prática encerra. Apesar do treinamento recebido e das habilidades para vários procedimentos terapêuticos, há sempre necessidade de buscar forças sobrenaturais para o bom desempenho na actividade. Esta realidade remete o nyanga a perceber que o poder de que é depositário pertence aos espíritos a quem é devido um respeito incondicional.

Finalmente o terceiro valor simboliza conflitos, tensões associadas a actividade. Apesar de serem praticantes de medicina tradicional, com conhecimento e capacidade conferidas pelo treinamento, os tinyanga não são inunes a perigos que podem constranger o bom exercício da sua actividade. A autodefesa conferida por certas capulanas, possibilita a demarcação de espaço e posições sociais que garantem continuidade da comunicação com os espíritos e desta feita assegurada a sua missão de nyanga.

Como se pode notar, a espiritualidade atravessa o imaginário social dos indivíduos em diferentes dimensões e o apaziguamento deles é central para se conseguir fazer face a várias situações sociais, tal como indica (Mahumane, 2015) numa lógica em que o sucesso na vida quotidiana é dimensionado com as acções protectoras do mundo ideal e a acção protetora dos espíritos depende, em grande medida, do respeito a eles reservado.

Considerações finais

Os resultados da pesquisa permitem visualizar saberes, histórias, mitos, crenças em torno das capulanas dos tinyanga, sinalizam a importância de se conhecer os valores por detrás dos símbolos e das práticas que caracterizam o quotidiano dos

tinyanga. Os principais valores associados as capulanas são (I) apaziguar os espíritos, (II) iluminar visões e (III) autodefesa.

Estes três valores caminham juntos, porque todo nyanga apropria-se das capulanas em busca da conformidade, visto que os espíritos precisam de alguém para encarnar e manterem-se existentes nele e, em contrapartida, o indivíduo usa as capulanas para satisfazer as suas necessidades e manter uma relação saudável com os espíritos.

A realidade acima descrita sinaliza que as capulanas, entre os tinyanga, são muito mais do que uma simples indumentária, representam um conjunto de códigos comunicacionais com os espíritos, um elemento de marcação e afirmação do espaço entre os semelhantes e uma estratégia de autodefesa e segurança enquanto praticante de medicina tradicional.

O presente trabalho ao discutir os valores, usos e os significados das capulanas entre os tinyanga na cidade de Maputo emerge como um contributo para os debates das questões do quotidiano destes praticantes de medicina tradicional, entretanto os aspectos discutidos mesmo sendo pertinentes no contexto actual representam, uma pequena parte da complexidade dos vários assuntos em torno da problemática abordada neste artigo. É nesse contexto que se reconhece que muitos aspectos ficam por abordar, muitas questões ficam por responder.

Referências

- ANGELO, Thamires Pessanha. A Capulana: um corpo presente em Moçambique. In: 44º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 2020, evento online. **Anais eletrônicos**, 2020. Disponível em: <https://www.anpocs2020.sinteseeventos.com.br>. Acesso em: 20 de outubro de 2024.
- ASSUNÇÃO, Helena Santos. **Falar e guardar segredo: as capulanas de Nampula (Moçambique)**. 2018. 200 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- BAGNOL, Brigitte. Lovolo e espíritos no Sul de Moçambique. **Análise Social**, v. XLIII, n. 2, p.251-272, 2008.
- DE REZENDE, Déborah Santana Raposo. **Os Tecidos nos Circuitos Comerciais e Culturais do Índico**. Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- FERNANDES, Rhuann. **Casamento tradicional bantu: o lobolo no sul de Moçambique**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2020.
- GRANJO, Paulo. **Lobolo em Maputo: um velho idioma para novas vivências conjugais**. Porto: Campo das Letras, 2005.
- GRANJO, Paulo. Trauma e limpeza ritual de veteranos em Moçambique. **Cadernos de Estudos Africanos**, v. 21, p. 43-69, 2011.

HONWANA, Alcinda Manuel. **Espíritos Vivos, Tradições Modernas**: Possessão de Espíritos e Reintegração Social Pós-Guerra no sul de Moçambique. Maputo: Promédia, 2002.

MACUÁCUA, Henriqueta Armando. **Análise simbólica e redesign da capulana em Moçambique**. 2017. 118 f. Dissertação (Mestrado em Design de Moda) – Universidade da Beira Interior, Corvilhã, 2017.

MAHUMANE, Jonas Alberto. **“Marido Espiritual” - Possessão e Violência Simbólica no Sul de Moçambique**. 2015. 223 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2015.

MENESES, Maria Paula G. Medicina tradicional, biodiversidade e conhecimentos rivais em Moçambique. **Oficina do CES**, v. 150, 2000. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10316/32743>. Acesso em: 12 de outubro de 2024.

POLANAH, Luís. **O Nhamussoro e as outras funções mágico-religiosas**. Coimbra: Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, 1987.

SANTANA, Jacimara Souza. **A experiência dos Tinyanga, médicos-sacerdotes, ao sul de Moçambique**: identidades, culturas e relações de poder (c. 1937-1988). 2014. Campinas: 2014. 364 f. Tese (Doutorado em História Social da África) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

SITOE, Bento. **Dicionário Changana-Português**. Maputo: Textos Editores, 2011.

TORCATO, Lurdes. **Capulanas e Lenços**. Maputo: Kauri Resort, 2011.

Lista de Entrevistados

DALLAS, F. Informação verbal concedida a [equipa de pesquisa] Maputo: Novembro de 2022.

DELFA, J. Informação verbal concedida a [equipa de pesquisa] Maputo: Fevereiro de 2022.

GISELA, M. Informação verbal concedida a [equipa de pesquisa] Maputo: Novembro de 2021.

LANGA, J. Informação verbal concedida a [equipa de pesquisa] Maputo: Janeiro de 2022.

MACAMO, A. Informação verbal concedida a [equipa de pesquisa] Maputo: Janeiro de 2022.

MAGAIA, A. Informação verbal concedida a [equipa de pesquisa] Maputo: Outubro de 2021.

ROSA, A. Informação verbal concedida a [equipa de pesquisa] Maputo: Novembro 2021.

RUBEN, C. Informação verbal concedida a [equipa de pesquisa] Maputo: Novembro de 2022.

SAQUINA, O. Informação verbal concedida a [equipa de pesquisa] Maputo: Dezembro de 2021.